

atlas de **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

N.º 15

A ARGÉLIA E SEUS CONTRASTES

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Gerais. 2 — Aspectos Geoeconômicos, 3 — A importância do Sahara. 4 — Aspecto Histórico. 5 — Política Atual. 2

ISLÂNDIA: A ILHA MAIS OCIDENTAL DA EUROPA

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Características Geográficas. 2 — O Tesouro das Águas. 3 — Síntese Histórica. 4 — Importância Geopolítica 8

A LÍBIA E O SEU PETRÓLEO

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Aspectos Físicos. 2 — O Povoamento e a Propriedade. 3 — Evolução Histórica. 4 — Condições Econômicas. 5 — O "Boom" do Petróleo. 6 — Política Exterior da Líbia. 7 — Setembro de 1969. 13

EL SALVADOR E HONDURAS

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — O Quadro Geográfico. 2 — Desenvolvimento Econômico. 3 — Precedentes Históricos. 4 — Conflito. 5 — O Mercado Comum. 19

A Argélia e seus contrastes

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — Aspectos Gerais

Na África do Norte, ocupando o centro de *uma região natural* que os árabes denominaram *Magreb*, formou-se a *Argélia*.

O *Atlas Sahariano*, cadeia de montanhas que corta o país na sua porção setentrional, constitui-se, na realidade, no *limite entre as duas Argélias*, determinando os seus contrastes. Podemos assim, distinguir *duas áreas geográficas* neste país africano: a da Argélia propriamente dita e a dos Territórios do Sul ou Sahara.

A Argélia propriamente dita compreende a *região litorânea montanhosa do Tell*, com seus 1 000 km de extensão, banhada e influenciada climaticamente pelo *mar Mediterrâneo*. Os ventos que sopram do norte, noroeste e nordeste dotam a região do Tell de 600 mm. de chuvas; a pluviosidade vai se tornando mais escassa à medida que se caminha para o interior e, na área do Atlas Sahariano, são de apenas 300 mm

Graças a esse fenômeno climático, nota-se *um contraste marcante no povoamento do país*. Na região do Tell, localizam-se as cidades argelinas mais populosas; a densidade demográfica vai se rarefazendo para o interior e, no sopé meridional do Atlas Sahariano, surgem os oásis, constituindo-se em núcleos de povoamento dispersos. Um segundo *contraste é notado também no tipo de vida*; as populações sedentárias do Tell já se apresentam seminômades no Atlas Sahariano e nômades no Sahara.

É ainda na faixa litorânea que correm os *principais ueds argelinos*, cursos d'água intermitentes, alimentados pelas águas das chuvas; entre esses ueds destacam-se o *Chelif* (693 km de curso) e o *Rumell* (250 km). Em

seguida, o território começa a se caracterizar pelo aparecimento dos *chotts*, lagos fechados, temporários, alimentados pelas águas subterrâneas; na parte setentrional do Atlas destaca-se o *Hodna* (400 metros de altitude) e, na meridional, o *Melghir*.

A flora argelina vai sofrendo graduações, desde *as formações florestais no Tell às estepes nas zonas mais interiores*, até desaparecer completamente na área ocupada pelo deserto do Sahara.

2 — Aspectos Geoeconômicos

O litoral argelino é, na parte oeste, bastante alto e pouco recortado; por isso quase não apresenta portos naturais. Constitui exceção *Oran* (433.000 habitantes), fundado pelos árabes, expulsos da Espanha. Centro industrial na fabricação do vidro, fiação, sabão e fundição. *Oran* é sobretudo exportador de cereais e vinhos procedentes das férteis planícies do vale formado em torno do ued *Chelif*. Neste vale, *Mostaganem* a 72 km de *Oran*, antiga *Murustuga* dos romanos, é o centro da região vinícola argelina; *Orleansville* na margem esquerda do *Chelif* e *Miliana* já a 720 metros de altitude, são importantes centros agrícolas.

No *hinterland de Oran*, o território é ainda alto, constituindo-se na denominada *região dos planaltos*. A cobertura florestal, representada por árvores de grande porte e sub-bosques espessos, desaparece para transformar-se na região planáltina em *estepes de alfa*, gramínea argelina.

A região dos planaltos é bastante fértil, sendo por isso aproveitada pelos agricultores; daí a importância de *Mascara*, *Sidi bel Abes*, *Tlemcen* e *Saida*, localizadas em altitudes que variam de 400 a 800 metros. *Mascara* a 96 km de *Oran* com 583 metros de altitude, domina a planície do *Eghris*, onde são cultivados vinhedos, oliveiras, cereais e tabaco. *Sidi bel Abes* a 453 metros, distando 56 km de *Oran*, comanda a planície cultivada, graças a irrigação do *Kekerra Tlemcen* a 800 metros de altitude e 42 km do mar, além de centro comercial do *hinterland* é importante cidade religiosa dos árabes. Finalmente *Saida* a 65 km de *Mascara* já apresentando uma altitude de 837 metros, constitui-se em centro agrícola já nos limites dos altos planaltos

A *região litorânea de Argel* já apresenta uma pequena planície costeira aproveitada para a cultura da vinha e

trigo. *Argel* (942.200 habitantes), pôrto mais importante e capital do país, tem seu nome originado do árabe "El Djezair" que significa ilhas; isto porque trata-se de uma região ilhada, ligada ao litoral por um dique.

A partir de *Blida*, a 48 km no sudoeste de Argel, até o sopé do Atlas, as terras são ocupadas por plantações de oliveiras, laranjeiras e limoeiros.

A leste de Argel, já o litoral começa a se tornar alto novamente, encontrando-se aí o *Djurdjura* com 2.308 metros, pico culminante do país. Esta é a chamada *região da Kabília*, onde *Constantine* (254.800 habitantes) situada numa garganta formada pelo ued Rumell, é centro mais importante que os portos regionais de Bougie, Philipeville e Bône. Assim, tôdas as distâncias são tomadas de Constantine, da qual *Setif* vivendo do comércio de produtos agrícolas, dista 109 km *Bougie* (155 km) na embocadura do ued Sumamm é o escoadouro natural de tôda a zona que serve a *Setif*. *Philipeville*, no norte de Constantine, da qual dista apenas 67 km, é pôrto regular de tráfego, fundado pelos franceses em 1839, no local onde jaziam as ruínas da Rusicade dos fenícios. Já *Bône* (171.000 habitantes), a Hipona dos cartagineses, além de primeiro pôrto mineiro do país é ainda exportador de vinho, azeite e cortiça

Os *bosques de cedro*, tão importantes na economia local, cobrem esta faixa litorânea, dando a Kabília o seu cunho característico.

Saindo-se da Kabília, além de *Setif*, já surgem os vestígios da vegetação estépica que caracteriza a região de *Tebessa* a 900 metros de altitude e *Batna* a 1.041 metros. Os árabes vivem aí como seminômades, já que só no sistema da *transumância* conseguem manter seus rebanhos de ovelhas, cabras e camelos, sempre à procura dos *sebkas*, depressões inundáveis e salgadas, formadas por lençóis d'água subterrânea.

Começamos então a descer o Atlas Sahariano onde *Biskra*, já a 122 metros de altitude, distando 185 km. de Constantine é na realidade um vasto oásis, célebre por suas tâmaras. Constitui-se por outro lado numa *estação termal e climática* no inverno, pois já manifesta a influência do clima continental com seus exagerados contrastes térmicos; a temperatura de verão em *Biskra* apresenta a média de 32°, baixando no inverno a 10° e por vèzes a 4°.

No sopé meridional do Atlas Sahariano o clima já se apresenta semidesértico, algumas cidades-oásis, entre as quais *Colomb Bechar*, *Ghardaia*, *Uargla* e *Laghouat* ainda se sustentam com os seus palmeirais de tâmaras e cultura de frutas cítricas. As dunas, cobertas por gramíneas de coloração prateada, graças às areias que as cobrem, quebram a monotonia da paisagem. Através da *irrigação*, o habitante desta região consegue ampliar seus campos de cultura nessa zona semidesértica.

Em seguida, mais da metade do território argelino integra-se no *vasto deserto do Sahara*, formado por mantos de areia ondulados pelo vento, que recebem dos árabes a denominação de *ergs* ou *aregs*. A *área territorial da Argélia* é de 2.466.033 km², equivalendo a nossas regiões naturais Leste e Nordeste reunidas (2.230.763 km²); no entanto, a Argélia pròpriamente dita possui na realidade 295.033 km², perfazendo um território comparável ao do nosso Estado do Rio Grande do Sul (282.480 km²), uma vez que a região desértica argelina ocupa 2.171.800 km².

3 — A Importância do Sahara

Denomina-se *Sahara* a uma faixa desértica que, na África do Norte, se estende desde o Atlântico ao mar Vermelho, numa área global que ocupa cerca de 8.000.000 km², ou seja quase a extensão do Brasil.

Inicialmente considerado como território sem importância econômica, começou em princípios de nosso século a mostrar que encerrava *recursos minerais em seu subsolo*.

Em 1907, o geólogo Flamand assinou a presença da hulha, o primeiro mineral descoberto no Sahara, nas imediações de *Kenadja*. O *petróleo* começou a ser pesquisado em 1952; descoberto em *Hassi-Messaud* passou a ser explotado em 1958. Mais de 25 milhões de francos foram investidos inicialmente, enquanto três novas jazidas eram localizadas nas imediações da fronteira com a Líbia, ao sul de *Fort Polignac*. Assim, a construção bem como a exploração do oleoduto (Edjelé-Hassi Messaud-Bougie) foi entregue a "Sociedade de Transportes Petroleiros do Sahara" (TRAPSA). Em 1956 era descoberto em *Hassi R'Mel* um lençol de *gás natural* para cuja exploração encontra-se em funcionamento um conduto (Hassi R'Mel-Mostaganem-Oran-Argel). Assim a Argélia já apre-

sentava em 1966 uma produção petrolífera de 32.000 toneladas e 1.960 m³ de gás natural (Vide quadros 1 e 2).

O Sahara Argelino possui, além dos depósitos de hulha, também de cobre, manganês, ferro, mercúrio e antimônio, já em exploração

A riqueza mineral fez das comunicações o problema primordial do Sahara. Por isso essa região que esteve sempre mal servida em comunicações, em 1964 já apresentava 18 200 km de rodovias, das quais 8 900 km em direção aos departamentos do Sahara

O Sahara não pode assim ser considerado na atualidade como um espaço vazio; trata-se de uma região onde a exploração de recursos minerais se choca, segundo Robert Capot-Rey, "com dificuldades particulares provenientes da distância e aridez". Por outro lado, a Segunda Guerra Mundial veio provar que o grande deserto é, antes de tudo, uma *zona estratégica*, onde a segurança da exploração e circulação devem ser absolutas, pois só neste caso assegurarão aos países que o ocupam excelentes possibilidades

4 — Aspecto Histórico

No setor da *ocupação humana*, a Argélia também *não se constitui numa unidade cultural efetiva*. Por isso o país encontra-se predisposto aos *particularismos*. Assim, a população avaliada em 10 453 600 habitantes (1963) apresenta 87% de indígenas de complexa etnia, entre os quais *árabes e bérberes*, ao lado dos 13% de *elementos europeus* (franceses, espanhóis e italianos principalmente). O *mosaico demográfico argelino* é assim explicado pela ocupação humana através dos séculos, desde a antiguidade

Quando mencionamos algumas cidades da Argélia, vimos suas origens ligadas a *fenícios, cartagineses e romanos*. Sofrendo o Império Romano as invasões bárbaras, em princípios da Idade Média os *vândalos* ocuparam a região que cairia depois em poder dos *bizantinos* e finalmente *árabes* (século VII); com êstes passaram a conviver os *bérberes*, raça da África Setentrional, compreendendo entre outras tribos a dos *kabilas e tuaregues*.

No início do século XVI, a Argélia passou a fazer parte do *Império Otomano*, pois foi conquistada pelos turcos muçulmanos (1518). Passaram então a conviver nesta região tribos nômades e confederações montanhosas sedentárias, praticamente independen-

tes umas das outras, ligadas apenas pela *religião muçulmana*. O território era governado pelo *bey*, chefe com autoridade bastante limitada.

No período do Diretório, a França havia comprado um carregamento de trigo na Argélia e, como não houvesse pago a dívida, o *bey Hussein* resolveu cobrá-la. Não tendo obtido resposta satisfatória do *Cônsul francês Deval*, feriu-o numa discussão (1827), recusando-se a uma reparação pública para o seu ato. Esta afronta ocasionou *uma declaração de guerra* (1830); desembarcando em Argel, o *General Bourmont* obrigou o *bey Hussein* a capitular. Para efetivar a *conquista da Argélia*, a França teve que lutar durante 17 anos. Isto porque o chefe popular árabe, *Abdel-Kader*, emir de Mascara, conseguiu unir contra os franceses as tribos rivais da região, manifestando grandes qualidades de organizador, diplomata e guerreiro

Sua derrota em 1848 assegurou a *dominação francesa na Argélia*, que só seria definitiva no tempo de Napoleão III, com a conquista do Sahara.

Durante a Primeira Guerra Mundial, fortes contingentes africanos, tanto militares como de trabalhadores individuais, haviam servido na Europa. Daí voltaram a seus respectivos países com novas idéias e experiências; começara assim a tomar parte nos problemas que, após a guerra, surgiram na África. Êstes problemas eram, na realidade, *as reivindicações políticas* surgidas principalmente na África do Norte, onde o contacto com a Europa fôra intenso, graças à importância estratégica do canal de Suez.

As *idéias de autodeterminação dos povos* difundidas por Wilson, presidente dos Estados Unidos, levaram *Khaled*, neto de Abdel-Kader a iniciar uma campanha em prol da independência argelina. Não demonstrando êsse líder as mesmas qualidades do avô, foi perseguido pelos franceses e teve logo que se exilar.

A Segunda Grande Guerra teve como consequência *o despertar da África*; iniciou-se então o *movimento de descolonização* do qual a Inglaterra, França e Bélgica tomaram a iniciativa

A primeira fase da descolonização é marcada pela *Conferência de Brazzaville* (1944) onde se reuniram os governadores das colônias francesas para estudarem e discutirem as reformas das instituições tradicionais. O objetivo visado era o de dirigir a evolução das estruturas africanas abaladas pela

guerra, concedendo aos nativos o acesso mais rápido às responsabilidades políticas.

A política colonial francesa foi bastante criticada na Conferência de Brazzaville. Por isso o governo francês começou, a partir de 1946, a modificá-la, concedendo aos súditos de suas colônias o direito de cidadania, prometendo, por outro lado, iniciar os passos decisivos no caminho da autonomia.

Elaborada a *Constituição de 1946* nascia a *União Francesa*, depois transformada em *Comunidade*, cujos territórios extra-europeus passariam a gozar de larga autonomia.

No entanto, para certas áreas coloniais a União Francesa havia sido organizada um pouco tarde. A *Tunísia**, sob a liderança de Habib Bourguiba revoltava-se conseguindo sua independência; o mesmo aconteceria no Marrocos sob a liderança do sultão Ben Youssef (março de 1956).

Se a Tunísia e o Marrocos haviam conseguido suas independências políticas, restava a Argélia, justamente o *núcleo central do Magreb*.

A situação argelina era complicada, já que nesta região a colonização francesa havia sido implantada mais profundamente. Cerca de 800.000 franceses haviam adquirido terras na Argélia e faziam valer, aí, os seus direitos; lutavam contra os partidários da *Frente de Libertação Nacional* que haviam estabelecido um governo provisório na cidade do Cairo. (1954).

Finalmente em 1961, o *General De Gaulle* cuidou da autodeterminação da Argélia, 18 milhões de votos contra 5 milhões responderam pela separação. Assim, em 1962 era *proclamada a independência do país*, um dos mais ativos chefes nacionalistas, *Ben Bella* foi feito Primeiro Ministro sob a presidência de outro líder, *Ferhat Abbas*.

Promulgada a *Constituição de 1963* e declarada a *Frente de Libertação Nacional* como partido único, êste elegeu *Ben Bella* para a presidência.

O *golpe político de junho de 1965* estabeleceu na Argélia um *Conselho Revolucionário* sob a chefia do *Coronel Houari Boumedienne*.

5 — Política Atual

Ocupando o poder *Boumedienne*, educado no Cairo e não em França, como a maioria da elite argelina, pro-

meteu *arabizar o país*. Em discurso que pronunciou na região mineira de Uenza a 1.º de maio de 1968, afirma ainda essa intenção que o levou ao poder: "Estamos enfrentando uma batalha real contra os interesses estrangeiros, contra a dominação e influência do exterior; uma batalha para devolver a Argélia a sua personalidade árabe e islâmica".

Embora livre das batalhas que se travam entre árabes e israelenses, a Argélia não abandona a sua *linha tradicional diplomática, de apóio à "guerra de seu povo" contra Israel*. Mas, na realidade, a Argélia se encontra *girando nas órbitas de dois países estrangeiros* — França e Rússia.

A maioria dos *argelinos cultos fala e pensam em francês*; os estudantes preferem os professores franceses, enquanto os empregadores argelinos procuram os "cooperants" vindos da França. Para atenuar essa influência marcante, o governo introduziu o *ensino da língua árabe nas escolas primárias*, embora os ciclos escolares secundários e superior funcionem ainda em francês.

Embora tenha o governo argelino assinado com Paris um convênio de cooperação militar (dezembro de 1967), enviaram, na mesma época, 600 pilotos do país para se adestrarem na Rússia; seguiam ainda para Saint Cyr 34 jovens argelinos a fim de cursarem as três armas do exército.

Enquanto a Escola Nacional de Engenheiros e Técnicos da Argélia e Escola Militar de Administração são orientadas por civis e militares franceses, êsse país norte-africano recebia cerca de 6 000 russos para trabalharem como técnicos em diversos ramos da atividade local, tanto nas forças armadas, talvez petrolífera, como na medicina.

Em 1969 a Argélia referendou um acôrdo entre a Technip da França e o grupo franco-argelino da Somalgaz, para a construção de um gigantesco complexo de liquefação de gás, no valor de 192 milhões de dólares. Na mesma ocasião, dando seqüência ao programa argelino de industrialização, aceitava o governo os 132 milhões de dólares que a Rússia lhe oferecia para a instalação de uma siderurgia em Anaba. Firmava um acôrdo com os russos para a compra de 5 milhões de hectolitros de vinho argelino durante sete anos e, com a França, para a aquisição de meio milhão de toneladas de petróleo do Sahara, em dois anos.

Dêste modo, embora o governo argelino afirme que pretende empreender *uma política de arabização do país, não pôde sair da órbita estrangeira*, pois

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 13 — "A Tunísia Independente"

além de não ter capital nacional para suas empresas, não conseguiu ainda formar a sua equipe de administradores e técnicos nativos

Acusado de afastar-se dos *objetivos socialistas* a que se propôs e estar instaurando *um governo personalista*, Boumedienne passou a não convocar o Conselho da Revolução, constituído por aqueles que o levaram ao poder. Daí *a revolta do Coronel Tahar Zbiri*, chefe do Estado Maior argelino, em 1967. No entanto, os revolucionários foram vencidos paradoxalmente pelos aviões MIG, vendidos pelos socialistas e, segundo se afirma no país, o movimento foi de-

nunciado pelos próprios conselheiros militares russos da base de Blida.

Tendo escapado Zbiri, chefe do movimento, constatou-se, pelo processo instaurado, que os revolucionários contavam com apoio em todo o país. Soube-se ainda que *a grande oposição a Boumedienne* se prendia principalmente ao *descontentamento pela falta de emprego*, que atinge o país tanto no campo como nas cidades. Esse desemprego havia levado em 1966 mais de 500 mil argelinos a abandonarem o país, indo para a França em busca de novos horizontes

(Janeiro de 1970)

QUADROS ESTATÍSTICOS

1 — Evolução da Produção Petrolífera Africana (em milhões de toneladas)

PAÍSES	1960	1961	1962	1963	1964	1965
Argélia	8 548	15 638	20 492	23 700	26 483	26 481
Líbia	—	700	8 420	21 000	40 700	57 700
RAU	3 272	3 766	127	150	130	95
Marrocos	92	80	4 670	6 000	6 000	6 315
Nigéria	866	2 292	3 371	3 750	5 900	13 300
Angola	66	104	480	1 200	1 150	700
Gabão-Congo	852	877	950	1 000	1 200	1 035
TOTAL MUNDIAL 1.549.000						

2 — Reservas Petrolíferas da África (janeiro de 1966)

PAÍSES	Reservas (milhões de barris)
Argélia	7 400 000
Líbia	10 000 000
Nigéria	3 000 000
RAU	2 000 000
Tunísia	300 000
Gabão	175 000
Angola	150 000
Marrocos	14 500
Congo-Brazzaville	9 000
TOTAL	23 048 500 = 3 bilhões de toneladas
TOTAL MUNDIAL	375 300 000 = 47,9 bilhões de toneladas

FONTE: BC Semanal n.º 260.

Islândia: A ilha mais Ocidental da Europa

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — Características Geográficas

A Islândia, ilha denominada por Sêneca como a “*Última Thule*”, constitui-se em zona de transição entre o Atlântico e o oceano Glacial Ártico. Trata-se de um enorme penhasco, em forma de meseta (apresentando em média 500 metros de altitude), que se ergue ao sul do círculo polar Ártico, entre os paralelos de 63 e 66 graus de latitude norte. Apresenta uma superfície de 1.02.819 km², pouco menor portanto que o nosso território do Amapá (137 303 km²).

Seu nome — Islândia, dado pelo navegador viking *Floki*, que a descobriu, significa “terra de gelo”. De fato, a Islândia se constitui num extenso campo de gelo, que abrange 14.000 km² de sua superfície, correspondendo em cerca de onze vezes à área do Estado da Guanabara (1.356 km²) e 13% do global da ilha.

O glaciamento islandês ocupa a cordilheira ou “*jokull*” que cruza a ilha de leste para oeste. O termo “*jokull*”, em islandês, significa glaciamento, que dá água, isto porque saem destes glaciares denominados *Langjokull*, *Hofsjokull* e *Vatnajokull*, os principais rios do país. O *Vatnajokull* é o maior glaciamento local com 8 000 km², encontrando-se em sua parte meridional o *Orajajokull* com 2 200 metros de altura, pico culminante da Islândia.

Os rios, alimentados pelas águas do degelo, são torrenciais e, despendendo dos “*jokull*”, apresentam-se encachoeirados; a energia consumida no país totalizava em 1966, 180 900 kW., dos quais 126 700 kW procedentes das hidroelétricas. Esses cursos d’água arrastam grandes quantidades de sedimentos que depositam em extensas superfícies denominadas “*sandr*”. Graças ao traçado horizontal dos “*jokull*”, essas vias fluviais têm a direção norte

ou sul, sendo tributárias do Glacial Ártico ou Atlântico. O *Thjorsá* com 240 km de curso é o maior do país, nascendo no *Hofsjokull* e desaguando no Atlântico.

O litoral do país, com raras exceções caracteriza-se por sua abrupta irregularidade, formando no conjunto uma paisagem de fjords. O fjord de *Huna*, bastante ramificado, é o mais largo e o que mais penetra no litoral; o de *Faxa* é o mais densamente povoado; enquanto que o de *Eyja*, com 60 km de largura, possui no seu interior *Akureyri* (9.943 habitantes), antiga capital e também um dos raros centros populosos no norte

No noroeste salienta-se a península de *Regkjanes*, subdividida em três ramos digitados, avançando na direção do círculo polar Ártico. Nesta zona, o centro urbano mais importante é o de *Isafjord* com 2 719 habitantes, segundo o censo de 1966.

De um modo geral essas costas apresentam uma paisagem estéril, coberta de pedras. Destaca-se, porém, no conjunto, a planície fértil que envolve *Reykjavik* (em islandês — baía da fumaça) com 79 200 habitantes, atual capital, centro da vida econômica e cultural do país. Estão nas suas imediações as cidades mais populosas da Islândia: *Akrane* (4 162 habitantes), *Hafnarfjord* (8 555 habitantes) e *Keflavik* (5.422 habitantes), esta última, importante base militar ocupada pelos Estados Unidos desde 1952, visto que a ilha integra-se no conjunto da OTAN.

Podemos observar que *Siglufjord* e *Hussavik*, no norte, não chegam a atingir a cifra de 2 milhões de habitantes, estando em idêntica situação *Djupivogur* e *Hofn*, no leste da ilha.

A diversidade nessa distribuição demográfica tem sua explicação condicionada ao fator climático. Estão as costas sul e oeste submetidas à influência das correntes equatoriais quentes (ramificações da corrente do Golfo); o clima é por isso temperado, com médias mensais compreendidas entre zero e 10 graus e com média anual pluviométrica atingindo 870 mm, sendo mais condizente com a vida humana. Já o litoral norte e leste, submetido à influência das correntes frias provenientes do pólo, apresenta clima bem mais frio e rigoroso, com temperaturas subzero e mares povoados por icebergs.

Os lagos ocupam na Islândia uma área de 44.500 km²; o *Thingvallavatn* é o maior volume d’água, com seus 120 km² e 116 metros de profundidade máxima.

Embora o termo Islândia signifique “terra de gelo”, essa ilha é, por outro lado, também a “terra do fogo”, já que se caracteriza ainda pelo vulcanismo que a formou; os terremotos e erupções vulcânicas são freqüentes. Possui uma centena de vulcões, dos quais 25 ainda em atividade. O mais famoso é o *Hekla* (1.557 metros) com cinco crateras cobertas de neve e coroadas por nuvens; vulcão ativo, domina a paisagem de Reykjavik. A erupção destes vulcões recobertos de neve, afeta muitas vezes a vida local, a erupção do *Laki* em 1783, considerada a mais catastrófica, exterminou a quinta parte da população e mais da metade do rebanho. Mas, o maior vulcão da ilha é o *Áskia* (1.412 metros) pois, embora mais baixo que o *Hekla*, supera-o com sua cratera de 58 km ocupada no seu interior por um lago de águas quentes.

A essa mesma origem vulcânica deve-se a existência dos *geysers islandeses*, fontes naturais de água quente, com erupções periódicas, portadoras de muitos sais em dissolução, como também a dos *hvers*, fontes termais. A planície de Reykjavik, estendendo-se por cerca de 100 km, atinge a região onde se encontra o *Grande Geysir*.

O solo da Islândia apresenta-se pobre para as atividades agrícolas, já que apenas 0,5% do seu total são formados por solos aráveis; êsses são aproveitados na cultura intensiva da batata e nabo (Vide quadro n.º 1). Os agricultores valem-se dos mananciais de águas quentes para, dissolvendo os cristais de neve, promoverem o crescimento das hortaliças, plantadas para o consumo local.

Por outro lado, as condições climatológicas locais possibilitam a existência da *pecuária*, dedicada de preferência ao gado ovino (Vide quadro n.º 2).

2 — O Tesouro das Águas

A pesca e indústrias afins constituem-se no principal recurso econômico do país. Representando 80% de suas exportações, as águas islandesas sustentam o país e forneceram em 1966 cerca de 1 238.444 toneladas de peixes (Vide quadro n.º 3).

A plataforma continental que circunda a ilha é ponto de contacto das águas do Ártico, frias e pouco salinas, com as do Atlântico, temperadas e mais salinas. Esse fator assegura aos cardumes, que aí vivem, uma camada

de plankton vegetal e animal espessa, enquanto as variedades de salinidade condicionam a desova dos cardumes.

O arenque, de quatro espécies diferentes, é pescado em grande quantidade de junho a setembro. *Siglufjord* é a “capital do arenque” que, neste centro nortista, é transformado em farinha e óleo. No cais da cidade, trabalham os “*stulk*”, em geral formados por maioria de mulheres, recebem o arenque para limpá-lo rapidamente, tal a prática que possuem, a fim de encaminhá-lo às usinas de transformação. Os arenques maiores, considerados perfeitos, após limpos vão sofrer o processo da salga, a fim de serem exportados, os grandes mercados consumidores estão na península Escandinava e Rússia, os mais próximos da Islândia, já que, com este benefício, o peixe tem que ser consumido ao fim de seis semanas.

De cada lote de peixe (135 kg) obtém-se nas usinas uma média de 45 kg. de óleo, este produto é extraído do arenque por intermédio de uma prensa especial. O resíduo que resta, depois de dissecado e moído é acondicionado em sacos; fabrica-se com êle uma espécie de torta muito apreciada no norte da Europa e, mui especialmente, na Holanda. Já o óleo, após o processo da refinação, serve para a fabricação de sabão ou margarina.

O bacalhau, outro tipo de peixe pescado na Islândia, é, em suas águas, mais sedentário que os cardumes noruegueses. Pescado de janeiro a maio, em pleno inverno, no litoral meridional, é transformado em óleo de fígado. É também cortado em postas que, refrigeradas em Reykjavik ou Hafnarfjord, destinam-se à exportação; os Estados Unidos e Rússia são grandes importadores do bacalhau congelado. A Islândia também exporta esse peixe seco e salgado, dando-lhe o nome específico de “*klipfish*”, é esse o bacalhau que se conhece, e o mais apreciado em Portugal e no Brasil.

Curiosamente, o salmão, embora abundante nas águas islandesas, é, no próprio local, um peixe de luxo. Isto porque, graças às restrições governamentais à sua pesca, a atividade ficou mais ligada aos desportistas propriamente ditos, do que às companhias pesqueiras. Com a finalidade de proteger os cardumes de salmão, o governo proíbe-lhe a pesca na época da desova, quando as fêmeas penetram nas embocaduras dos rios islandeses; durante seis anos o salmão vive prote-

gido e só quanto atinge o porte de 10 cms. nada para o mar, onde pode ser pescado.

A baleia, ao contrário, é caçada à espingarda quando penetra nos fjords islandeses, na época da procriação. Arrastada para o cais mais próximo, o gigantesco animal é içado através de uma rampa, que vai atingir uma plataforma. Nesse local, *cada trabalhador se especializa em decepar uma parte da baleia*. O "cortador", por exemplo, trabalha entre o maxilar e a língua, valendo-se de um gancho comprido; o maxilar da baleia submetido a processo industrial serve de adubo na região. Como êsses retalhadores de baleia têm que subir no animal, usam botas especiais com ganchos na sola para não deslizarem. Enfim, cada um dêsses retalhadores, trabalhando, via de regra em grupos de 12 homens, conseguem, com a precisão de um cirurgião, no prazo de meia hora apenas, dar por terminada a tarefa. Em seguida, um guindaste arranca a pele da baleia, deixando à mostra a carne que, levada aos frigoríficos, será consumida pela população local ou exportada para os países mais próximos

3 — Síntese Histórica

A Islândia foi povoada por povos oriundos da Escandinávia; os escandinavos vikings falavam a mesma língua, tinham os mesmos costumes e tradições, só se diferenciando em dinamarqueses, noruegueses e suecos no transcurso da Idade Média.

No ano de 860, o viking Floki atinha essa ilha batizando-a como Islândia. No entanto, *sua primeira organização política*, baseada numa república federativa aristocrática data de 930; passava a ser governada por chefes locais, controlados por um órgão supremo denominado Althing. O Althing era uma espécie de assembleia, detentora dos poderes legislativos e judiciário, que se reunia periodicamente em Thingvellir, localidade ao norte do lago Thingvallavatn. Esse período da história islandesa, quando funcionava o mais antigo parlamento europeu, é narrado pelo Landnamabok (livro da posse do solo)

Por volta do ano 1000, graças à conversão do rei Olavo da Noruega ao cristianismo, a nova doutrina penetrava na Islândia.

Mas o século XIII marca a fase de anarquia no país, onde as principais famílias aristocráticas passaram a lutar a fim de deter a supremacia do po-

der. Para pôr fim ao conflito feudal, a Noruega intervem, conseguindo pelo Tratado Velho (Gamli Statmmalli) a união dos dois em 1264. Com a posterior união da Noruega à Dinamarca (1381), passaria a Islândia para a órbita desta última. Desejando reforçar ainda mais o monopólio que implantara na ilha, a Dinamarca separava a Islândia da Noruega, pelo Tratado de Kiel (1814).

O século XIX marcaria a investida das reivindicações políticas da Islândia, contagiada também pelos movimentos nacionalistas, que se haviam alastrado pelos continentes europeu e americano. Destaca-se então a figura de Jón Sigurdsson, conseguindo o restabelecimento do Althing (1843) que, em 1851 reclamaria sobre a recuperação da independência islandesa. Apesar dessa e várias outras solicitações, a ilha seria ainda mantida por muito tempo sob a égide dinamarquesa.

Somente a 30 de novembro de 1918, terminada a Primeira Guerra Mundial, aplicando-se o princípio da autodeterminação, pregado pelo Presidente Wilson, dos Estados Unidos, obteve a Islândia o primeiro passo no setor de sua autonomia. Foi assinado nesta data o Ato de União, por meio do qual a ilha obtinha sua independência, ficando porém vinculada à antiga metrópole, simbolicamente, através da pessoa do monarca dinamarquês.

A 24 de maio de 1944, o governo islandês decidiu consultar o povo através de um referendun, sobre a abrogação ao não do Ato de União. A maioria dos votantes optou pelo desaparecimento dos laços simbólicos com o rei da Dinamarca, aprovando a idéia de se constituirem numa república. Assim, a 14 de junho de 1944, a Islândia proclamava a sua independência definitiva, integrando-se ao regime republicano.

De acôrdo com a Constituição vigente, a República da Islândia concede o poder executivo a um presidente eleito para exercer as suas funções no prazo de 4 anos, tendo direito a reeleição

O parlamento ou Althing é constituído pelas Câmaras Alta e Baixa, formadas no seu conjunto por 60 membros de acôrdo com a última legislação eleitoral (1959). O país vive sob o sistema da pluralidade partidária. Nas eleições de 11 de junho de 1967 quatro agremiações políticas conseguiram eleger membros para o Althing; o mais votado foi o Partido da Independência

com 23 cadeiras, seguido pelos Progressistas que obtiveram 18, a União Trabalhista (de orientação comunista) com 10 e finalmente os Sociais Democratas com 9 lugares.

4 — Importância Geopolítica

Constituindo-se na *ilha mais ocidental da Europa* e ponte para a América através da Groenlândia, a Islândia é peça de grande importância geopolítica.

A Islândia domina o Atlântico Norte, era opinião de William Seward, estadista responsável pela compra do Alaska* aos russos. Para controlar toda a área, deviam os Estados Unidos adquirir à Dinamarca, suas possessões integradas na época pela Groenlândia** e Islândia.

Durante a Primeira Grande Guerra, ainda sob a tutela da Dinamarca, a Islândia, por sua *posição estratégica*, foi estudada no setor naval minuciosamente e esteve na mira dos ingleses, sobretudo quando da invasão do território dinamarquês pelos alemães.

Independente durante a Segunda Grande Guerra, a Islândia proclamou sua *neutralidade perpétua* em tempos de conflagração bélica, não organizando por isso as suas forças armadas. Generalizando-se a luta, esta deveria, no entanto, envolver a Islândia tendo em vista a sua posição estratégica; *elo de ligação Atlântico-Ártico* e, ao mesmo tempo, *ponto de escala entre a Groenlândia, Noruega e Inglaterra*.

O espaço aéreo desafiava, em vésperas do grande conflito, o *espaço marítimo*. Sabendo que a ilha reunia excelentes condições militares, já que seus numerosos fjords, muitos dos quais livres dos gelos, poderiam ser utilizados como *bases para hidroaviões*, os alemães estudaram a fundo a topografia local. Para não dar aos neutralistas islandeses, já desconfiados com o regime hitlerista, a idéia de que elaboravam um estudo sistemático em benefício da aviação militar, firmaram, através da *Lufthansa*, companhia civil de transportes aéreos, um acôrdo (1939). No entanto, lá já estavam os estadunidenses desde 1936, através da *Pan American Airways Company*, apoiados na *façanha de Charles Lindenberg*. Este, ao realizar a primeira travessia aérea sem escala,

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 14 — “Alaska: novos rumos”.

** Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 8 — “Groenlândia: sua posição no Ártico”.

através do Atlântico-Norte, entre os Estados Unidos e a França, (1927) chamara a atenção para a posição estratégica da Islândia.

Iniciado o conflito, em maio de 1940, antecedendo aos alemães, os ingleses ocuparam a Islândia que não ofereceu resistência. No ano seguinte (1941), as tropas inglesas evacuavam a ilha, substituídas pelas dos Estados Unidos, já que a Islândia havia, com este país, firmado um acôrdo para a sua defesa durante a guerra.

Assim, podemos concluir que, sob o ponto de vista geopolítico, a importância da Islândia engloba não apenas o Atlântico-Norte, mas também a área do Oceano Glacial Ártico. Com bombardeiros de médio alcance, afirma V. Stefanson no seu trabalho “*Linha Ártica de Aprovisionamento*”, o *Atlântico-Norte será pôsto sob contróle desta ilha*. Daí a grande vitória dos Estados Unidos, levando esse país-ilha a aderir ao pacto da OTAN (Organização dos Tratados do Atlântico-Norte), bem como a sessão em caráter permanente, da base militar de Keflavik.

(Fevereiro de 1970)

QUADROS ESTATÍSTICOS

1 — Produção Agrícola em 1966 (toneladas métricas)

Batata	3 600
Nabo	200

2 — Pecuária em 1966 (número de cabeças)

Carneiros	847 337
Potros	120 262
Bois	54 530
Cavalos	35 490
Porcos	3 458

3 — Principais Produtos Pesqueiros Exportados em 1966 (1 000 kg)

Peixe Salgado	28 165,4
Peixe Congelado	76 066,4
Arenque (fresco, congelado e salgado)	70 437,8
Arenque (óleo)	126 410,8
Arenque (conserve)	151 680,3
Bacalhau	8 744,8

FONTE: The Statesman's Year Book (1968-69)

A Líbia e o seu Petróleo

DELGADO DE CARVALHO

1 — Aspectos Físicos

Na parte nordestina do Saara, a vasta extensão de terras arenosas e de terras pedregosas recebeu, na antiguidade o nome de *Deserto Líbico*. A orla mediterrânea com a sua baía da *Sirta Grande*, foi conhecida desde o tempo da colonização fenícia e grega: sucediam-se, no mundo romano, *Apolônia*, *Cirene*, *Leptis Mogua*, *Oca* (hoje Trípoli) e outros fortes cujas ruínas subsistem, revelando um passado brilhante.

Organizada em Estado independente, a Líbia atual ocupa uma superfície africana igual ao nosso Estado do Amazonas, acrescido do Acre

(1.760 km.). O relêvo apresenta certa uniformidade pela sua composição geológica. É mais pronunciado a oeste e no sul, onde os montes *Ahggar* e *Tibesti* representam os grandiosos vestígios dos maciços do passado que se elevam ainda a 2000 metros acima da plataforma de 450 metros, em média, que os circundam. Para leste estendem-se as planícies desérticas cujas areias, varridas pelos ventos, formam dunas num solo sem coesão, sem umidade, sem raízes: é a *Hamada* com seus vales secos e suas rochas esculpidas; é o *Erg* com seus montes de areias de centenas de metros de altura, sempre se deslocando e substituindo. Uma série de oásis, distantes uns dos outros, se alinha em determinadas direções, como ilhas num mar de areias. *Kufra* é uma destas regiões do sudoeste que penetra no *Sudão*.

Foi clássica durante muito tempo a divisão da Líbia em três regiões naturais: a *Tripolitânia*, a *Cirenaica* e o *Fezzan*; nada as delimitava, eram apenas, como ainda atualmente, dota-

das de feições físicas características e de antecedentes históricos diferentes. A *Tripolitânia* é, na orla costeira, a região mais povoada. Ao redor de um maciço principal paralelo ao litoral, o *Gebel Nefusa* (760 m), se alinham os oásis costeiros e a planície de *Gefara* que desliza para o mar. Do outro lado da baía da Sirta, a *Cirenaica* repete a Tripolitânia, formando promontório arredondado. Seu maciço montanhoso e o *Gebel Akhdar* (610 m). No Mediterrâneo se abrem as suas cidades históricas, incluindo nelas as que a última guerra mundial tornou famosas, *Tobruk*, *Derna*, *Benghazi*. Quanto ao *Fezzan* é uma vastíssima bacia ocupada por um mar de areia, onde se destacam os importantes oásis de *Murzuk*, *Sebah*, *Edri*, *Ghat* e outros

O sul da Líbia é cortado pelo *Trópico do Câncer*, as costas do norte estão sob 31° de latitude norte mais ou menos. A influência saariana, entretanto, é decisiva, se *Trípoli* registra 26°C no mês mais quente (agosto) e 11°C em janeiro, *Benghazi* registra, respectivamente, 26°C e 13°C. As médias anuais são de 19 e 20°C. Em Trípoli chove cerca de 400 cm; em Benghazi 250 cm. por ano. São climas favorecidos pelos relevos vizinhos. No deserto o caso é muito diferente, porque não chegando nuvens, um vapor d'água para se interpor entre o Sol e o solo, a insolação e a irradiação são intensas. A um calor de 70°C à sombra, sucede uma noite que pode marcar temperaturas abaixo de zero. É o que explica a ruptura das rochas e sua esfoliação mais rápida.

No Saara só existem rios fósseis que deixaram trechos de seu passado. Alinham-se alguns no Ahggar e no Tibesti, que foram tributários do lago Tchad. No litoral, plano, arenoso, estendem-se lagunas na Tripolitânia. No maciço de *Barka*, nos declives do *Gebel Akhdar*, multiplicam-se as fontes de águas correntes que fertilizam o solo, sob um clima mais ameno.

2 — O Povoamento e a Propriedade

Os elementos étnicos *bérberes*, *árabes*, *negróides* e *européus*, entrados na Líbia em diferentes épocas, constituem atualmente uma população de mais de um milhão e seiscentos mil habitantes, concentrados principalmente na parte setentrional da Tripolitânia e da

Cirenaica. Pela *língua* e pela *religião muçulmana* é o elemento árabe que domina; os bérberes são mais numerosos nos oásis do oeste; a maior parte dos negros se localiza no Fezzan. Nas primeiras décadas do século, a *penetração italiana* foi intensa, mas tem diminuído depois da Segunda Guerra mundial, hoje não são mais de trinta mil os italianos

A população da Líbia que era em grande parte *nômade* e *pastoril*, vem se tornando *sedentária* com a sua rápida evolução econômica, os nômades são talvez menos de 25% atualmente. Como é fácil averiguar, a densidade demográfica, sendo abaixo de 1 por quilômetro quadrado, perde um pouco de sua significação, quando se leva em conta a imensidade dos desertos despovoados. No Amazonas, as áreas populacionais se localizam ao longo dos rios, na Líbia, elas se situam ao longo das costas, isto é, no norte do país, onde marcam distintamente os dois blocos tripolitâneo e cirenaico, separado pelos golfos das Sirtas

Subsistem na Líbia as formas tradicionais da *propriedade das terras*. De acordo com a lei *islâmica*, a maior parte das terras é de *propriedade coletiva*, além da *propriedade privada* admitida. As *terras do Estado*, *terras das confrarias religiosas* e *terras el matruka*, isto é, abandonadas, que o indivíduo pode utilizar sem título de propriedade enquanto as *vivifica*, isto é, as faz produzir. Existe também a *meação* nas terras particulares cujo proprietário absenteísta cede a *quinta parte* da colheita ao meeiro, é o sistema do *Khamis*. Outra tradição é o cultivo das terras de *matruka* por pobres, aos quais são doadas sementes e alimentos e parte de sua colheita, sem ele fazer parte da coletividade

A *agricultura*, entretanto, está se modernizando e já requer menos mão-de-obra; as populações rurais comecem a emigrar para as cidades, onde vão aumentar um *proletariado* ainda embrionário, mas que a *indústria* nascente vai poder absorver facilmente, visto o estado de subpopulação atualmente existente no país

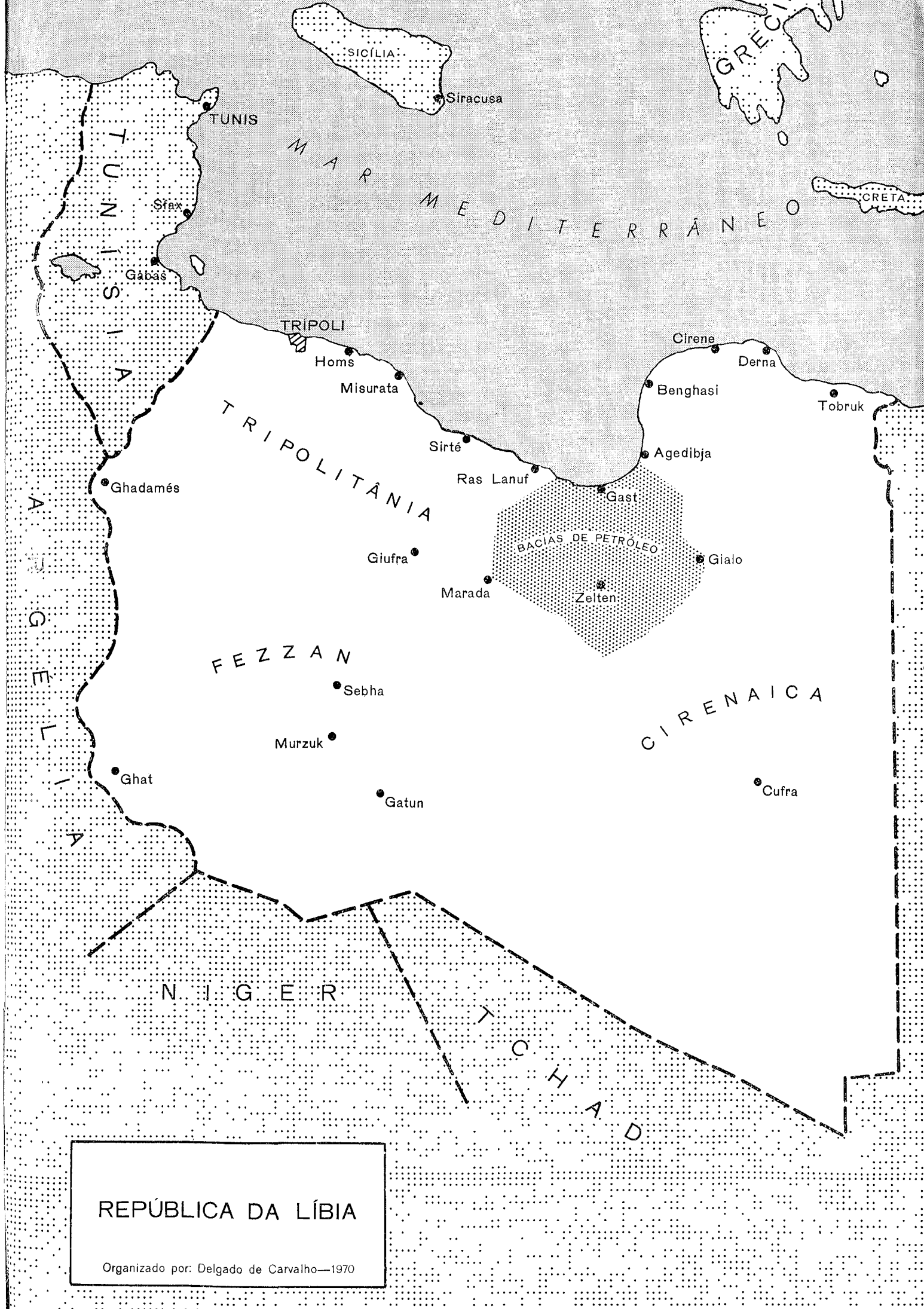
Os beduínos, diz Philippe Fargues, estão hoje ainda disseminados em grande parte do território líbico. As terras da Cirenaica, por exemplo, são quase todas de apropriação tribal. Verdadeiros contratos são concluídos entre tribos, de um lado, e cada tribo e

o Estado, do outro lado, para a repartição entre si das suas respectivas áreas de percurso. No seio da tribo a propriedade particular não existe, a terra é exclusivamente coletiva. As diferentes tribos nômades vivem praticamente em vaso fechado sobre o terreno que lhes cabe. na Tripolitânia a organização tribal está em vias de desaparecimento (Ph Fargues Le Monde Diplomatique-Out 1968) É pois considerável em todos os sentidos o impacto do industrialismo

3 — Evolução Histórica

Depois da orla mediterrânea da Líbia ter desempenhado brilhante papel na história econômica e artística dos *gregos* e dos *romanos*, a Cirenaica e a Tripolitânia foram abandonadas aos destinos de suas populações *bérbere*s. No século VII, porém, deu a rápida *conquista árabe*, por conta do califa *Omar* e o percurso vitorioso de seus cavalos até as margens do Atlântico. Ficou assim a região sob o domínio de todas as *dinastias muçulmanas*, que governaram sucessivamente o *Magreb*. Foram vãs as tentativas dos *normandos da Sicília* de se apoderarem dos portos da Líbia. Novos conquistadores, porém, foram os *turcos* nos séculos XVI e XVII, que não deixaram os *espanhóis* tomar pé em Trípoli, senão há pouco tempo

Durante dois séculos (1522-1714) os turcos se serviram dos portos de Trípoli, que como Tunis foi "regência", e da Cirenaica, embora fôsse esta autônoma. O serviço otomano destes portos era de constituírem bases para os seus *corsários* no Mediterrâneo. Deu-se, entretanto, que surgiu em Trípoli um regente turco *Caramanli*, que aboliu a suzerania de Constantinopla e proclamou-se *soberano hereditário*. A nova dinastia deu certa prosperidade à região cirenaica, onde se concentrava o *comércio das caravanas* para o interior. Sofria entretanto as represálias das marinhas interessadas na represália do curso. Os *inglês*es em *Malta* e os *franceses* em *Argel* aprovaram a situação. Mas, no princípio do século XIX, os próprios *americanos* haviam tomado o porto de *Dorna*, em represália também. Em 1835, porém, o último dinasta, Ali Caramanli, foi prêsno num navio turco, que tinha tido a imprudência de visitar oficialmente



REPÚBLICA DA LÍBIA

Organizado por: Delgado de Carvalho—1970

Em meados do século XIX, quando o Império Otomano, em plena decadência, debatia com a Europa a "Questão do Oriente", as suas possessões africanas já estavam escapando a seu controle direto. Em vários países árabes, apresentavam-se fundadores de novas interpretações religiosas do Corão, como os wahabitas da Arábia, os zaidistas e outros. Mas, na Cirenaica, surgiu, em 1840, um piedoso muçulmano viajado e instruído, *Mohamed el Senussi*, de família antiga, descendente do Profeta por Fátima e Hassan. Fundou a confraria *Senussia*, cujo prestígio foi crescendo principalmente na Líbia, onde criou várias *zaiúias*; não era um inovador, mas um reformador visando uma "melhor interpretação das fontes". Em paz com os turcos, tornou-se também chefe político e fixou-se em Kufra. Quando se deu, em 1911, o conflito entre a Turquia e a Itália, *Ahmed-el-Cherif* e os Senussis combateram para o Sultão-califa de Istambul. Em 1915 foi contra os ingleses que se pronunciaram em defesa dos turcos (Sollum, Sidi El Barrani).

O *Tratado de Lausanne* de 1912 havia entregue a Líbia à Itália. Sob o governador *Volpi*, depois de pacificada a região, — foi iniciada a colonização de elementos italianos. Foram melhoradas as condições da agricultura e de palmeiras, foram construídas estradas e cresceu o intercâmbio comercial com a Itália. Os benefícios, trazidos pela administração italiana, eram quase exclusivamente para os colonos italianos.

O primo de el Cherif, *Mohamed Idris*, em 1920 reconhecido chefe da Confraria Senussi, havia constituído emirado autônomo com sua capital em *Adjedabia*, na Cirenaica. Quando os italianos resolveram reocupar terras libianas dos Senussis, estes resistiram, mas *El Muktar* foi capturado e executado, passando a ser mártir da causa libiana *el Idris*, que se tinha retirado no Egito.

Na *Segunda Guerra Mundial* as forças italianas ameaçaram o Egito, que dos ingleses dependiam, para garantir o *roteiro de Suez*. Os alemães tiveram de intervir para recuperar *Benghasi* e *Tobruk*. Finalmente *Von Rommel* foi derrotado em *El Allamein* em 1942. Vindos do Tchad, os franceses invadiram o *Fezzan*. Um congresso

nacional libiano propoz que Mohamed Idris fôsse escolhido emir de um *Estado Cirenaico* unido à Tripolitânia. O Egito tinha então pretensão de incorporar a Líbia ou de obter a sua tutela (1949). As *Nações Unidas*, porém, nomearam um Comissário para governar durante um período de organização de dois anos. Em 1950 foi finalmente decidida a constituição de um *Estado independente* e soberano, sob um governo *federal monárquico*, sendo *Idris* o seu primeiro rei.

4 — Condições Econômicas

O problema, que se impunha à nova Nação e às Potências suas "madrinhas", era a fixação de *bases econômicas, com recursos financeiros* para um governo autônomo enfrentar a administração de um Estado Federal. Muitos julgavam demasiadamente frágeis as *estruturas sociais* para suportar as pressões internas e externas, que iam se exercer sobre o novo Estado.

Sob o ponto de vista agropecuário, a Líbia tem as suas *culturas tradicionais* na vertente mediterrânea de suas serras nortistas e no litoral. A produção consiste principalmente na colheita de *cereais, de tâmaras, azeitonas, uvas* e diversas *frutas*. O gado, cuja criação vem decrescendo pela falta de pastores, causada pela maior atração dos centros urbanos; a criação é principalmente de *carneiros, cabras, muas e camelos*.

A atividade mais característica da Líbia, ao se tornar independente, era desempenhada pela tradicional instituição das *caravanas*. Os numerosos *oásis* do interior, muitas vezes em linhas nas pistas seguidas pelo comércio, além de sua produção local, recebem, dos *mercados do litoral*, cereais, açúcar, carne-sêca, tecidos, mercearias e quinquilharias; dos oásis levam as *caravanas* tâmaras, sal e objetos diversos.

Era pois uma vida econômica bastante restrita e de progressos limitados pela tradição, embora fôsem melhorando as condições de segurança das caravanas contra os ataques das tribos saarianas marginais.

Com a independência, a Líbia teve que mudar imediatamente seus orçamentos, investimentos, para enfrentar as deficiências de infra-estruturas e

de assistência técnica. Para isso entrou em *acôrdos bilaterais* com a *Grã-Bretanha*, com os *Estados Unidos* e também com as *Nações Unidas*. Começou então uma fase de atividades construtoras visando, principalmente, ao aparelhamento (estradas, canalizações, energia elétrica). O *primeiro plano quinquenal* teve como objetivo capital a *infra-estrutura* (comunicações e obras públicas). A *educação*, a *saúde pública* e a *agricultura* passaram a ser objetivos principais do *segundo plano quinquenal* (1969), ao qual as novas condições do tesouro permitiam mais largos investimentos.

5 — O “Boom” do Petróleo

Durante os oito primeiros anos de vida independente, a Líbia conheceu uma fase econômica crítica. Em matéria de saúde, de ensino, de transportes cresciam as necessidades. Foram contratados mais de mil técnicos estrangeiros. Em 1956, foram iniciadas as pesquisas par localizar jazidas de petróleo; em 1959, a *Caltex* descobriu jazidas em *Beda*, a cerca de 200 km da *Sirta Grande*. Em seguida, sucederam-se as descobertas em *Zelten*, *Hofra*, *Serir* e vários outros lugares do centro-norte, com jazidas de petróleo. A *exportação* foi iniciada em 1961 com 5 milhões de barris. Em 1955 crescia para 58 milhões e em 1967 alcançava 83 milhões de barris. São atualmente trinta e duas as companhias que funcionam no país, entre as quais a *Standard Oil Company*, a *Shell*, a *Mobil Oil do Canadá*, a *Gulf* e a *British Petroleum*. Multiplicaram-se rapidamente os oleodutos na chamada *Bacia de Sirta*, onde se localizam atualmente a maioria das emprêsas. O oleoduto de Serir ao pôrto de Tobruk é uma rota de mais de 550 km, iniciada em 1965. O pessoal na exportação de petróleo é de 13 mil empregados.

Foram rápidas e decisivas as transformações que a produção de petróleo determinava na economia libiana. Foi gradativamente desaparecendo a tradicional *economia de subsistência* com o aumento do *consumo*, a alta dos *preços*, a procura de *serviços* que a *infra-estrutura* não estava ainda em condições de satisfazer.

Mas o “boom” do petróleo não teve apenas conseqüências econômicas imediatas sobre a vida da Nação. A partir de 1963 foram sendo abolidos os *acôrdos bilaterais* anteriores e ficou sendo um Conselho Nacional o incumbido de

planejar os diferentes setores do desenvolvimento. As receitas orçamentárias dobravam anualmente e iniciava-se certa inflação.

O mais significativo resultado desta evolução econômico-social da Líbia, foi a grande lição de direito constitucional que o mundo pôde registrar. A forma de *governo federal*, que se tinha adotado em outubro de 1951, tinha sido emendada em 1962 mas, em abril de 1963 foi profundamente modificada.

A *Constituição de 1951* instituiu o federalismo; a competência provincial se estendia a todos os domínios dos quais não era especificamente excluída. Cada província tinha seu *governador* nomeado pelo rei, mas elaborava sua *lei orgânica* e dispunha de um *conselho legislativo* e de um *conselho consultivo*. Cada província tinha oito representantes no *Senado*. A primeira revisão em 1962 veio aumentar a competência da *Federação*, e tinha tendência *centralizadora*. A segunda, em 1963, *aboliu o federalismo* e dividiu o reino em dez *unidades administrativas*, sob autoridade de *funcionários do rei*. O Senado perde a sua base provincial de representação.

Esta *Constituição unitária, centralizadora*, se tornou necessária em razão da larga autonomia dos governadores das Províncias, do conflito de suas “leis orgânicas” e dificuldades criadas à ação do governo central. “A súbita descoberta de consideráveis jazidas de petróleo, a partir de 1962, diz Pierre Rondot, aumentando ao mesmo tempo as responsabilidades da nação e os seus meios de ação, impunha ao Estado a necessidade de um poder forte”. (P. R. Le Monde Diplomatique). O artigo II da Carta de 1963 declara: “A soberania pertence a Allah; por vontade sua é ela entregue à Nação”. O *Parlamento* libiano é formado de duas Câmaras, das quais o *Senado* conta 24 membros, todos nomeados pelo rei. A *Câmara dos Deputados* é eleita pelo sufrágio universal, sendo incluído o voto feminino.

Se, em 1961-63, deu-se uma rápida evolução constitucional, maior foi a *evolução social* provocada pelo “boom” do petróleo. Entre outros problemas, o *êxodo rural* veio inverter a própria composição da população, da qual 70% tirava sua subsistência da agricultura. Surgiu assim a questão da *moradia* num meio tecnologicamente atrasado. Deu-se também um *choque psicológico* com a subestimação do valor do tra-

balho e com a relativa facilidade com que os altos salários permitiam a aquisição de bens do exterior Entrou em crise o capital humano

6 — Política Exterior da Líbia

Durante a *Segunda Guerra Mundial*, a Senússia tinha se beneficiado com o apoio da *Grã-Bretanha* para conservar uma neutralidade hostil aos ocupantes *italianos*. Com as negociações de paz foi ainda a influência tutelar britânica que orientou os aliados na questão da Líbia, quando se tratou de um possível *Mandato soviético* no Mediterrâneo O *Egito*, figurando ao lado dos vencedores, procurou obter das Potências a incorporação da Líbia a seu território. A *Liga Árabe*, dividida por Assam Pachá colaborou fortemente com as pretensões do Egito; por esta razão recusou-se a Líbia independente a entrar na Liga Árabe, fato que só se deu em 1953, com a saída de Assam Pachá

A política exterior da Líbia se tem revelado moderada e conciliante, mas tem mantido principalmente uma *atitude inter-magrebiana*, isto é, de solidariedade com os Estados árabes da África do Norte De fato, durante as lutas pela independência da *Tunísia* e da *Argélia*, a Líbia não hesitou em hospedar em Trípoli os governos de libertação que atuaram contra os franceses. As relações com a França não deixaram de ser muito cordiais depois da atuação do general de Gaulle

Quando foi iniciada a *guerra árabe-israelense* a Líbia seguiu o exemplo dos Estados Árabes e suspendeu, durante meses, as remessas de petróleo aos países europeus partidários de Israel Na *Conferência de Karthum*, o governo libiano associou-se às decisões interárabes de solidariedade. Britânicos e americanos resolveram então evacuar, antes, dos prazos fixados, as bases militares que mantinham na Líbia (base de *Wheelus*, na Tripolitânia)

A caminho de se tornar, na produção de petróleo, como o Koweit e a Arábia Saudita, um dos maiores exportadores, a sua estabilidade política é uma condição que se impõe, por isso, quando o governo de Trípoli resolveu voltar ao mercado da Europa Ocidental, reprimiu severamente as manifestações de arabismo organizadas por nacionalistas extremistas, agitadores contra o chamado imperialismo sionista

Nos dois anos de 1966 a 1967, a exportação de petróleo (tonelada-métrica) da Líbia entrou em franca concorrência com os três maiores produtores do Oriente Médio

PAÍSES	1966	1967	1968
Iran	105	129	141
Arábia Saudita	119	129	140
Koweit	114	115	120
Líbia	72	38	—

Os Algarismos permitem julgar a rapidez dos progressos alcançados pela Líbia na sua contribuição, que a colocara cedo em terceiro lugar.

No seu *comércio exterior*, os principais fornecedores da Líbia são a *Itália*, a *Alemanha Ocidental*, a *Grã-Bretanha* e os *Estados Unidos*. Seus maiores clientes são a *Alemanha Ocidental*, a *Grã-Bretanha*, a *França*, a *Itália* e os *Países Baixos*.

7 — Setembro de 1969

O rei Idris se achava na Turquia para um tratamento de sua saúde quando, a 1.º de setembro de 1969, um *golpe de Estado* foi dado em Trípoli por uma junta de coronéis, chefiada por *Abu Schweirib*, depondo o rei Senussi, apesar da popularidade de que gozava no país. As próprias forças da guarda real (cirenaica como o rei) tomou parte no movimento; um destacamento foi imediatamente mandado a *Benghazi*, onde era prevista uma reação de *beduínos*, em favor do soberano O príncipe herdeiro *Hassen*, além de abdicar, declarou-se favorável à Junta Revolucionária. Solimão *Al-Maghebi*, prêso pelo governo real, foi chamado ao posto de Primeiro Ministro e no novo governo entrou *Saleh Breysir*, exilado no Cairo, e conhecido opositor aos entendimentos com a Inglaterra. Foi proibido o ensino de *línguas estrangeiras* e 143 membros das escolas, professores de inglês foram dispensados Aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha foi notificada a evacuação de suas *bases militares* na Líbia

(maio de 1970)

El Salvador e Honduras

DELGADO DE CARVALHO

1 — O Quadro Geográfico

Nos estudos geográficos do século passado, era admitido que os *Andes* da América do Sul, constituíam, com as *Montanhas Rochosas* da América do Norte, uma cordilheira contínua. De fato, ambas são geologicamente mais ou menos contemporâneas e apresentam algumas semelhanças com sua vizinhança do Pacífico, com seu vulcanismo e mesmo em muitas de suas diretrizes. Mas são sistemas de relevo distintos e, neste sentido, pode-se dizer que a América Central tem uma orografia que não pertence aos dois continentes que liga.

O relevo centro-americano propriamente dito se estende sobre cerca de três mil quilômetros entre o istmo de Tehuantepec e o rio Atrato na Colômbia. Esta extensa massa continental era primitivamente formada de ilhas dotadas de abundantes vulcões, cujo trabalho chegou a entulhar as passagens ou estreitos que faziam comunicar as águas do Pacífico com as do Atlântico pelos atuais "istmos" de *Tehuantepec*, de Guatemala (golfo de Honduras, rio Motagua) de Nicarágua (lago Nicarágua, rio San Juan) e por fim, de Panamá e de Darien. As diretrizes gerais deste relevo, cujas fraturas receberam depósitos vulcânicos, são em regra de oeste para leste; mais altas na orla pacífica as serras cristalinas vão declinando para o Atlântico, onde se estendem planícies pantanosas, entre as quais o *Yucatan* representa uma vasta área calcária ligada ao sistema montanhoso centro-americano. Na altura do *Trópico* este sistema é prolongado pelo hemisfério insular (Cuba, Haiti, Puerto Rico e Antilhas) que fecha a bacia afundada do Mediterrâneo, chamado Mar Caribe. Na vertente do Pacífico as serras formam uma costa escarpada, com estreita faixa

de planícies recortando o litoral, com esporões montanhosos como a península de *Azuero* (Panamá) as penínsulas de *Asa* e de *Nicoya* (*Costa Rica*) e o *golfo de Fonseca*, cujas orlas pertencem a três estados (Nicarágua, Honduras e El Salvador). Quanto aos vulcões, estão mais ou menos igualmente distribuídos pelas seis repúblicas que os figuram frequentemente nos seus selos postais. O *Tajumulco*, o *Fuego* o *Agua* e o *Tacaná*, na Guatemala alcançam ou ultrapassam quatro mil metros. O *Izusc* e o *S. Miguel* estão no El Salvador, o *Monotombo* é nicaraguenho, o *Miravallis* costarriquenho e *Chiriqui* é panamenho. O *Coseguina* se tornou célebre pela sua erupção de 1835, que tantos desastres causou.

Sob o ponto de vista do clima, a América Central é geograficamente *tropical*, de tipo *marítimo*, mas profundamente diferenciado pela *altitude* e pelos oceanos que a orlam. As correntes aéreas que vêm do Pacífico Norte esfriam as águas e trazem pouca umidade, já na altura do Panamá a corrente equatorial alcança o litoral. As águas do Mar das Antilhas são mais quentes e os ventos que sopram do Atlântico carregam mais vapor. Daí um contraste marcado entre as duas frentes marítimas. No litoral atlântico, as cidades de *Bluefields*, *Greytown*, *Colón* apresentam médias anuais de 26°C. É também considerável a altura das chuvas neste litoral; recebem em média 3 metros por ano, sendo que *Greytown* registra 6 metros de chuvas em duas estações chuvosas, julho e novembro. Na frente pacífica, as médias térmicas são cerca de dois graus centígrados mais baixos como se registra entre *Colón* e *Balboa* (*Panamá*).

As influências de altitude são as que determinam maiores contrastes térmicos, além da orientação dos vales e da insolação dos declives. Duas capitais, *Guatemala* a 1.480 m registra cerca de 18°C de média anual, e *San José* da Costa Rica, a 1.150 m registra 19°C. As chuvas nestas cidades variam de 1m 30 a 1m 80 de altura anual.

Na América Central repete-se a clássica distinção entre *tierra caliente*, *tierra templada* e *tierra fria*. Na primeira vingam as matas tropicais sob fortes chuvas de verão. Na segunda se localizam as árvores decíduas das latitudes médias. Para o alto aparecem os pinhais. Nas regiões de chuvas mais raras se estendem as savanas e os matos ralos. A parte norte da Guatemala (*Peten*) é planície de arenito cujas florestas ocultam as ruínas de antigas cidades maias.

2 — Desenvolvimento Econômico

a) Quando os colonizadores espanhóis ocuparam a orla do Pacífico, em que se localiza hoje *El Salvador*, não foram povos *maias* valentes e guerreiros que encontraram, mas os *pipilos*, populações pacíficas e submissas, que muito auxiliaram os colonos na cultura da cana. Além do açúcar, produziram o *anil* e se dedicaram à *criação*; abasteciam os mercados já desenvolvidos da capitania de Guatemala. Só em 1840 lá foi introduzido o café, vindo do Brasil, que cedo se tornou a mais importante riqueza do país.

Os historiadores quando se referem à propriedade das terras em *El Salvador*, mencionam “as quatorze famílias” de abastados fazendeiros, proprietários de grande parte das terras. Hoje em dia esta referência constitui uma apreciação crítica da situação, pois os latifúndios têm sido muito subdivididos e retalhados, embora ainda subsistam muitos. É incontestável, entretanto, que o contraste entre a elite rica e a pobreza do povo continua criando problemas agravados pela explosão demográfica.

As principais culturas atuais como *arroz*, *milho*, *feijão* culturas de subsistência, são complemento das de exportação, *café*, *cacau*, *fumo*, *henequem*. As pastagens ocupam 30% do território e as culturas 32%. O gado bovino conta milhão e meio de cabeças e outro tanto conta o gado suíno. Cabe porém ao café 50% do comércio salvadoreno de exportação. O país possui outros recursos, *minas*, na região vizinha de Guatemala (mercúrio e chumbo, prata e ouro) mas muito pouco exploradas. Das regiões altas é extraído o “*bálsamo do peru*” um oleaginoso usado na fabricação de perfumes. Quanto à *indústria* que, para se desenvolver, sofre de falta de energia elétrica, limita-se à de *tecidos* e de *café solúvel*. No *rio Lempa* já há uma instalação hidrelétrica.

b) *Honduras* é o país mais montanhoso da América Central. Seu relevo é cortado por uma depressão, que liga o golfo de Honduras, no Mar Caribe, ao golfo de Fonseca no Pacífico. A parte ocidental é a mais alta, mais povoadada e mais rica. A altitude média das mesetas hondurenhas é de 600 metros. A parte oriental é mais extensa, ondulada e com planícies, onde correm os maiores rios para o Atlântico, o *Segóvia* e o *Patuca* são os principais; percorrem as terras da *Mosquitia* (terra dos Mosquitos), em parte navegáveis,

mas terminando em lagunas e pântanos. É a região cujos limites entre Honduras e Nicarágua foram contestados desde 1888 e finalmente fixados por arbitramento do rei da Espanha, em 1906: o laudo arbitral determinou o *rio Cocos* (Segóvia ou Wanter) como limite, dando assim ganho de causa à tese de Honduras.

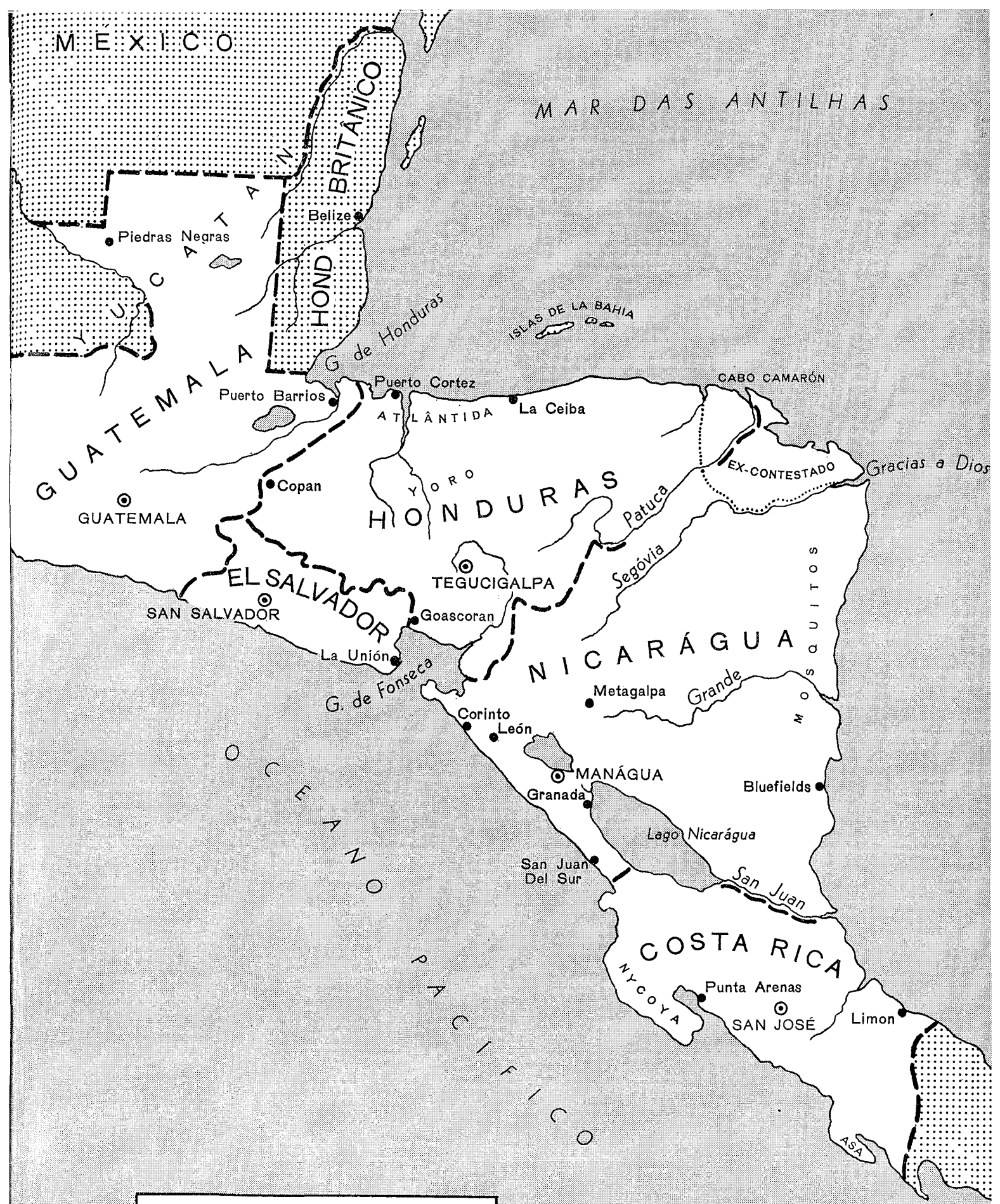
As culturas de Honduras são as mesmas que se encontram em toda a região istmica, predomina o *milho* e seguem as demais culturas de subsistência. O país porém é rico em minerais. *cobre*, *ferro* e *chumbo* são produtos de exportação e constituem 14% dela. Mas o que destaca a república de Honduras na vida econômica é a produção de *frutas* e principalmente de bananas. Na região do noroeste, departamentos de *Pedro-Sula*, *Atlantida*, o vale do rio Ulúa dispõe de portos no Mar Caribe (*Puerto Cortez*, *La Ceiba* e *Ageran*) para a exportação de frutas. A região pantanosa e insular foi transformada pelas companhias americanas *United Fruit* e *Standard Fruit*, que drenaram os pântanos, regularam os rios, acumularam sedimentos fluviais sobre centenas de hectares, formando áreas de alto valor agrícola. O trabalho foi realizado por mão-de-obra em grande parte estrangeira; a região foi saneada, dotada de habitações modernas e edifícios públicos: hospitais, escolas e outros. Além de bananas e outros frutos, Honduras exporta *café*, *madeiras*, *algodão*, *milho*, *arroz* *açúcar* e *fumo*.

As comunicações ainda pouco desenvolvidas, em países de tanto relevo, constituem o principal obstáculo para o pleno desenvolvimento das grandes riquezas que possuem. A *Carretera Interamericana*, que une Nicarágua a Guatemala, atravessa Honduras e *El Salvador*.

Em superfície *Honduras* (112 000 k²) é cinco vezes maior do que *El Salvador* (21 800 k²) mas em população, *El Salvador* (3.200 mil h.) ultrapassa *Honduras* (1 890 mil h.) *Tegucigalpa* conta cerca de 200 mil almas, mas *S. Salvador* registra mais de 260 mil.

3 — Precedentes Históricos

Apesar de as duas repúblicas, Honduras e *El Salvador*, se situarem em ambientes geográficos congêneres, de apresentarem muitos recursos econômicos similares e também de terem precedentes históricos comuns, constituem dois países independentes, em



AMÉRICA CENTRAL
Organizado por Delgado de Carvalho—1969

que são marcados certos contrastes sociais e existem interesses em conflito.

Nasceram tôdas as repúblicas da América Central da *Capitania Geral da Guatemala* e, tornando-se livres, constituíram-se sob o nome de *Provincias Unidas*. Em 1838, depois de guerras civis, separaram-se em cinco repúblicas. *Francisco Morazán*, de Honduras, foi vencido por *Rafael Carrera* da Guatemala, mas não tinha morrido a idéia de uma nova união dos cinco Estados, pois em 1876 Rufino Barrios fêz nova tentativa de restauração. A união de 1897-98 durou um ano. Em 1902, porém, um tratado foi assinado em *Corinto* estabelecendo um *tribunal centro americano* de árbitros para a solução pacífica das disputas interamericanas; foi renovado em San José (Costa Rica) em 1906, com abstenção da Nicarágua (no tempo de Zelaya). De tôdas estas tentativas e de outras mais, pode-se concluir que a contigüidade demográfica pode criar condições de entendimento mais difíceis do que a adjacência territorial, a qual, aliás, tem seus problemas na América Central.

Em primeiro lugar, embora sejam ambas as repúblicas, *Honduras e El Salvador*, territórios de origem guatemalteca, as suas populações não são idênticas. Em Honduras, a porcentagem de etnias diferentes é maior (descendentes de maias, europeus mestiços, imigrados *negros* das Índias Ocidentais, *estrangeiros* hispano-americanos). Em El Salvador, a população é *índia* de outra origem (Pipílos), é mais homogênea, menos trabalhada pelas correntes sociais mais evoluídas, embora culturalmente comporte elites conservadoras de reconhecido mérito.

Em segundo lugar, surgiu o problema da explosão demográfica que assumiu em El Salvador perspectivas inquietantes. A sua população ultrapassa três milhões de habitantes; de 1961 a 1967, cresceu na proporção de 3,8%; sua densidade é de 140 habitantes por quilômetro quadrado. Honduras, por seu lado, só conta 22 habitantes por quilômetro quadrado.

Em terceiro lugar, não tendo ainda o impacto da industrialização alcançado El Salvador, mantém o país uma população essencialmente *agropecuária*, em boa parte *latifundiária* com as famosas "quatorze famílias" da crítica oposicionista. A nação não integra mais satisfatoriamente os seus excedentes populacionais; a *mão de obra* sofre depressão econômica e social, desemprego e pobreza. Em suma, a necessidade de expansão de alguns anos para cá, obriga os governos de San

Salvador a procurar terras estrangeiras para a colocação de famílias salvadoreñas.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a revolução de 1948 colocou à frente do governo de San Salvador o partido P.R.U.D. (Partido Revolucionário de Unidade Democrática) sob os presidentes *Osorio* e *Lemus*. Foi então iniciada a *industrialização* com as instalações hidrelétricas do Rio Lempa; a diversificação das culturas foi estimulada; foram criadas fábricas, foram dados os primeiros passos na organização de um mercado comum. Quando ao P.R.U.D. sucedeu o partido P.N.C. (Partido Nacional de Conciliação) o presidente *Rivera* entrou em negociações com Tegucigalpa para a legalização do estatuto dos salvadoreños entrados em Honduras.

O que acontecia era o seguinte: nestes últimos anos duzentos e cinquenta mil salvadoreños tinham emigrado para Honduras e se estabelecido em terras desta república vizinha, em parte atraídos pelo trabalho oferecido pelas companhias americanas de frutas.

4 — O Conflito

Quando foi efetuada a reforma agrária em Honduras, o artigo 68 da nova lei determinava que só tinham direito à terra "los hondureños de nacimiento". Em abril dêste ano, o *Instituto Nacional Agrário Hondureño* notificou a 52 *finqueros* (sitiantes) que deveriam entregar as terras que ocupavam no prazo de trinta dias. Foi, de fato, executada a entrega, mas, definia-se assim, no departamento de Yoro, parte central do país, uma situação jurídica destinada a degenerar em conflito na primeira ocasião. Referindo-se às repúblicas limítrofes de Honduras, escreveu Preston James: "Êstes países desenvolveram um forte espírito de nacionalismo e entram em opressiva competição uns com os outros. Repetidamente, Honduras ficou sujeita a pressões do exterior para auxiliar um ou outro contra os demais. Estando os outros em situação mais ou menos equivalentes, coube várias vêzes a Honduras desempenhar o papel decisivo".

O caso de expulsão de lavradores salvadoreños não podia ser resolvido pela ação forçosamente demorada iniciada pelo *Instituto Salvadoreño de Colonización Rural*. Êste compra aos proprietários, terras de suas fincas (pois não pode expropriá-las) para dividi-las em lotes de 5 a 10 hectares, ven-

didos a campônios e por elas pagas em prestações anuais com o produto de suas colheitas. "Isto poderia aliviar um pouco a pressão, diz o ECONOMIST, mas não resolve nem resolverá o problema da terra. Ao contrário, um surto de nacionalismo vai atear o fogo do esperado conflito: uma simples partida de foot-ball perdida em San Salvador pela equipe hondurenha, que viu eliminada a sua presença no estádio do México.

De um lado e de outro, queixas mais ou menos reais exaltaram os espíritos e muitos agitadores, infiltrados entre os fanáticos hondurenhos, vindos a San Salvador provocaram distúrbios. Muito mais trágico foi o que se deu em Honduras nos grupos de colonos salvadorenhos. Deus queira que tenham sido exagerados pela imprensa sensacionalista os casos de indescritível atrocidade, que algumas testemunhas fugitivas dizem ter presenciado. O conflito degenerou como era previsto em guerra aberta entre as duas repúblicas centro-americanas. As três outras repúblicas procuraram intervir imediatamente. De acordo com o *Tratado de Assistência Recíproca* do Rio de Janeiro, a organização panamericana convocou uma comissão de embaixadores, que propôs um plano de quatro pontos, que Honduras aceitou, mas El Salvador reclamou garantias para os 250 mil salvadorenhos nas terras hondurenhas.

Durante esta fase de mediação, as operações de guerra prosseguiram. Honduras declarou ter sofrido mais de um milhão de baixas. Foram detidos centenas de hondurenhos; o estádio de Tegucigalpa recebeu 12 mil salvadorenhos concentrados. O armamento de El Salvador se revelou superior, mas aos poucos os tiros foram diminuindo. Surgia, então, um problema mais grave: o "*Mercado Comum*."

5 — O Mercado Comum

A unidade política da América Central, tantas vezes tentada, nunca alcançada, não sobreviveu aos esforços feitos para estabelecê-la. Entretanto, depois das guerras mundiais, criadores de posições comerciais novas e depois do exemplo dado pelo mercado comum da Europa Ocidental, os *Estados da América Central* (como aliás outros Estados da América Latina) reconheceram que a unidade não devia ser *política*, mas sim *econômica*, para encontrar uma base mais sólida e mais conforme aos interesses de toda ordem que prevalece no mundo atual.

Na Organização das Nações Unidas, em seguida ao restabelecimento da paz, havia sido fundada uma *Comissão Econômica para a América Latina*, conhecida sob a sigla de C.E.P.A.L. que empreendeu logo os estudos para a formação de um setor para a América Central. Regionalizando o objetivo, a realização parecia mais fácil. A Comissão levou seis anos a elaborar dois projetos de tratados. O primeiro estudando as condições para eliminar aos poucos as *barreiras alfandegárias internas* e estabelecendo tarifa única para o Exterior; o segundo criando a *integração das indústrias*" isto é, destacando as indústrias necessárias ao mercado central-americano. Estes tratados foram todos aceitos pelas cinco repúblicas da América Central. O plano foi assinado na capital de Nicarágua, *Manágua*, em 1960. Sendo menos complexos os objetivos em vista, em vez dos dez anos do A.L.A.L.C, foram fixados cinco anos. O novo mercado regional a criar contava com as contribuições particulares, com o auxílio da O.N.U e também dos Estados Unidos, embora o aumento do comércio para Europa não lhes fosse favorável. Foi fundado um *Instituto de Pesquisas* em Guatemala, uma *Escola de Administração Pública* em Costa Rica (1954) um *Banco de Integração Econômica*.

Em 1965, tôdas as repúblicas já estavam em plena cooperação, ficando apenas Panamá fora do movimento. Em consequência da aplicação das regras estipuladas, foram aos poucos eliminados 95% dos direitos sobre todos os *produtos provenientes da área centro-americana*; de outro lado, *tarifas comuns* foram aplicadas a 98% das *importações* provenientes do exterior. Nenhuma das cinco repúblicas constituiu, em realidade, um mercado suficiente para todos os produtos manufaturados, mas, com a redução das tarifas a níveis mais baixos, tecidos, alimentos, bens de consumo encontram na região mercado amplo se há proteção contra manufaturados estrangeiros. Assim foi crescendo, nos países da América Central, a produção de vidro, de lâmpadas, de garrafas, de lâminas, etc. De fato, em 1965, o comércio interzonal havia quadruplicado e, em 1966, representava 70% do comércio total.

Não há dúvida que os objetivos visados pelo *Mercado Comum da América Central* têm sido mais facilmente alcançados do que a A.L.A.L.C, por ser mais restrita a atividade interzonal e serem mais homogêneos os problemas

a resolver. É certo também que a co-
operação exigida pelo Mercado Comum
é um elemento de estabilidade social e
política. Os progressos realizados nos
Estados da América Central são mar-
cados também no campo da cultura e
da Educação. Um *Consejo Superior
Universitário Centro-americano* foi
criado para o intercâmbio de experi-
ências e práticas em todos os graus de
ensino.

Se, entretanto, casos como o con-
flito de julho de 1969, entre El Salva-
dos e Honduras se reproduzem, o pro-
gresso material e moral pode ser com-
prometido seriamente como aliás des-
pertou receios. Dois exemplos apenas
podem ser citados: o fechamento da
Carretera Interamericana que, prove-
niente de Nicarágua atravessa Hondu-
ras, na altura do golfo de Fonseca para
penetrar em El Salvador. Outro caso
é o prejuízo que sofre o tráfego inter-
zonal entre as duas repúblicas em con-
flito, cujas relações comerciais normais
são muito ativas. Chegaram certos jor-
nais a mencionar a possibilidade da
formação de *dois blocos* de Mercado
Comum na América Central

Depois de resultados tão compen-
sadores e de reorganizações nacionais
adaptadas à nova economia, seria um
grande prejuízo para todos, comercial-
mente e industrialmente falando, e tal-
vez socialmente também. Felizmente,
nos primeiros dias de novembro, reu-
niram-se em *São José de Costa Rica*
os ministros do exterior da A.D.E.C.A.
(Organização dos Estados Centro Ame-
ricanos) e na chamada "*Declaração de
San José*" reafirmaram sua decisão de
restabelecer a paz na região e de re-
forçar a sua integração econômica. Foi
criado um grupo Hondurenho-Salvado-
renho sob a presidência de um media-
dor para discutir os resultados da *13.^a
reunião consultiva de Ministros em Ma-
nágua* e estabelecer o acôrdo definitivo
entre as duas partes. A reunião terá
sua sede em *São José*.

Em ponto menor, talvez venha a
ser o *Mercado Comum Centro-Ame-
ricano* um modelo que, em escala
maior, possa seguir a *Associação de
Livre Comercio de America Latina*.

(Janeiro 1970)